

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Dia

Class.: 24

Data: 17.07.86

Pg.: 1ª e 3

Funai prevê novos confrontos na Reserva Salumã

Novos conflitos podem acontecer entre fazendeiros e índios Salumã que na semana passada mataram oito integrantes de uma mesma família na localidade chamada Roda D'água, situada na divisa de Mato Grosso e Rondônia e distante mais de 60 quilômetros de Vilhena. O clima na região continua tenso, segundo confirmou ontem por telefone o chefe da Unidade Administrativa da Funai, em Vilhena, Aymoré Cunha. O massacre, segundo ele, ocorreu porque duas madeireiras estavam desmatando parte do território dos Salumã. Outro detalhe do problema, segundo ele, é que 28 mil hectares foram vendidos a quatro pessoas por um senhor identificado por Joaquim Campos Dourado, que seria funcionário da Secretaria de Fazenda de Mato Grosso. (página 3).

Salumã está em pé de guerra e Funai prevê novos conflitos

Culabá do serviço local

Foram oito e não sete, conforme a imprensa noticiou, o número de vítimas do massacre praticado pelos índios Salumã na semana passada na localidade denominada "Roda D'água", distante mais de 60 quilômetros de Juína. O clima na região ainda é tenso, conforme disse ontem por telefone o chefe da Unidade Administrativa da Funai, em Vilhena, Aymoré Cunha.

A ação dos Eneauene-anauê — Salumã —, que culminou com a trágica morte de todos os integrantes de uma mesma família, de acordo com Aymoré, é consequência da morosidade com que a Funai vem tratando o processo de demarcação de sua reserva. Atualmente, segundo explicou ele, "existe o território indígena, uma reserva imaginária" que aquela nação vem aguardando há bastante tempo ver demarcada. Enquanto isso não acontece, muitas das aproximadamente 180 mil pessoas que anualmente chegam a Rondônia vão adentrando terras indígenas, dando origem aos muitos conflitos que via de regra, acabam em tragédias.

No caso da reserva dos Salumã, Aymoré Cunha informou que cerca de 28 mil hectares foram vendidos a quatro pessoas por um senhor identificado por Joaquim Campos Dourados e que seria funcionário da Secretaria de Fazenda de Mato Grosso. Os direitos adquiridos por essas pessoas, foram posteriormente comercializadas para outros 14 migrantes e para compilar a situação, foram instaladas na região duas madeireiras que estavam, até na véspera do massacre, desmatando a terra indígena. Essa, segundo Aymoré, teria sido a razão do ataque.

PREVISTOS NOVOS CONFLITOS

Foi também a demora na demarcação das reservas dos Salumã que provocou, no ano passado, o assassinato de dois topógrafos que realizavam serviços para fazendeiros. No momento, a área está terminantemente vigiada pelos nativos e Aymoré Cunha alertou que caso alguém tente reaver as terras adquiridas legalmente, correm o risco de ter o mesmo destino que a família de Antônio Ferreira teve na semana passada.

De acordo com as colocações do chefe da Unidade Ad-

ministrativa da Funai, todos esses confrontos decorrem da indefinição do órgão em relação aos processos de demarcação das reservas. Segundo ele, as nações indígenas estão impacientes e por mais que procurem resolver seus problemas através da Justiça, a burocracia existente impede a solução esperada por eles.

Entende ele que esse problema é também político e caso o governo não se conscientize da necessidade de apressar os processos de regularização das reservas indígenas a situação tende a se complicar. Ocorre, conforme assinalou, que diversas tribos, como é o caso da Salumã, estão decididas a defender seus territórios e não permitirão que pessoas continuem tomando e destruindo suas reservas. No caso específico dessa reserva, cerca de 100 alqueires dos cerca de 530 mil hectares já foram devassadas pelas madeireiras e por mais que reivindicuem a imediata demarcação da área, a administração central da Funai está protelando a medida. E isso, observou Aymoré, poderá resultar em novas tragédias.